

TIPO, FUNÇÕES MORFOSSINTÁTICAS E DISCURSIVAS: UM ESTUDO COM A FALA DE ADOLESCENTE DE NATAL/RN

Josele Julião Laurentino (UFRN)
josele-laurentino@hotmail.com.br

INTRODUÇÃO

Fundamentados no funcionalismo linguístico norte-americano ou linguística baseada no uso (BYBEE, 2010), principalmente em estudos sobre gramaticalização, e na sociolinguística variacionista, averiguamos, na fala de um adolescente natalense, diferentes usos da forma TIPO, de origem substantiva, visando investigar as funções que ela tem desempenhado na língua portuguesa falada em Natal/RN, bem como levantar possíveis formas variantes num mesmo contexto de uso, buscando contribuir, assim, para o desenvolvimento de trabalhos posteriores que focalizem a variação em domínios funcionais específicos. Para tanto, coletamos, no Banco de Dados FALA-Natal (cf. TAVARES; MARTINS, 2014), 114 ocorrências do nosso objeto de estudo, com o intuito de realizar uma análise qualitativa, tomando como *corpus* apenas uma entrevista sociolinguística feita com um informante da faixa etária de 15 a 21 anos, do sexo masculino, natural de Natal.

No português brasileiro, o item linguístico TIPO tem desempenhado funções morfossintáticas e discursivas de exemplificação, comparação, entre outras, ocorrendo com muita frequência na fala dos indivíduos adolescentes. Vejamos estes exemplos, extraídos de nossa amostra de dados:

- (1) Eu já joguei, mas faz tempo, eu não me lembro, **tipo**, como é que faz as regras... Mas, eu já joguei já. (Natal/RN);
- (2) É, tipo... **Tipo** a guerra no Iraque. (Natal/RN).

O fenômeno sob enfoque tem sido alvo de interesse de pesquisadores como Lima-Hernandes (2005) e Rodrigues (2009), que nos servem de guia. Vale considerar também que Tagliamonte (2005) investigou, na fala de jovens canadenses, um fenômeno semelhante envolvendo o uso do item LIKE, que, assim como TIPO, possui origem lexical e tem emprego associado especialmente à juventude, o que pode ser um indício de mudança geracional/em tempo aparente. Daí a importância de se pesquisar fenômenos dessa natureza. Segundo Tagliamonte (2005), o LIKE passou a assumir variadas funções gramaticais na língua inglesa, concorrendo com formas tais como JUST, SO etc. Vejamos alguns exemplos fornecidos pela autora:

- (3) I'm **just like so** there, you know?
- (4) **Like**, that's what I **like** told you.

Neste trabalho, faremos relações entre as funções desempenhadas pelo TIPO no português e pelo LIKE no inglês, levantando semelhanças e diferenças, em uma perspectiva comparativa. No que diz respeito a nossa amostra de dados, entre os usos em que encontramos o TIPO estão: comparativo, exemplificador, sequenciador, explicativo, em que o TIPO parece partilhar funções similares a itens linguísticos tais quais COMO, POR EXEMPLO, ENTÃO e OU SEJA.

A palavra TIPO na língua portuguesa possui, segundo o dicionário Aurélio, as seguintes acepções:

tipo1

[Do gr. *typos*, 'cunho', 'molde', 'sinal'.]

S. m.

1. Aquilo que inspira fé como modelo.
2. Coisa que reúne em si os caracteres distintivos de uma classe; símbolo: "Estêvão era o tipo do rapaz sério." (Machado de Assis, Contos Fluminenses, p. 86.)
3. Exemplar, modelo.
4. Personagem paradigmático da ficção ou da tradição oral: Arlequim, Don Juan e Romeu são tipos eternos.
5. Fam. Pessoa esquisita, excêntrica.
6. Burl. Qualquer indivíduo: "Veja, ilustre passageiro, / O belo tipo faceiro / Que o senhor tem ao seu lado" (antigo anúncio em bondes cariocas).
7. Pessoa pouco respeitável.
8. Biol. Exemplar que, examinado pelo autor de uma espécie, é explicitamente indicado por ele como padrão da descrição original da espécie. [Se não houve menção do tipo, outro exemplar é escolhido, posteriormente, para servir de tipo.]
9. Econ. Porcentagem do valor nominal de um empréstimo que é efetivamente transferida ao tomador.
10. Qualquer peça, ger. móvel e em relevo, que tem a função do tipo (9).
11. Tip. Paralelepípedo de metal fundido (ou de madeira, nos grandes corpos), cujo olho, convenientemente entintado, imprime determinada letra ou sinal. [V. linha-bloco.
12. Tip. Letra impressa, resultante de composição tipográfica ou de fotocomposição. [Sin., nesta acepç.: caráter, letra, letra de imprensa, letra de fôrma, letra redonda.]

tipo2

[F. red. de tipografia.]

S. f.

1. Tipografia (1 e 2).

Todavia, usos inovadores dessa palavra têm ocorrido no português brasileiro (PB), nos quais TIPO não se enquadra na categoria de nome. Vejamos os textos a seguir:



Imagem disponível em <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=327922467340964&set=pb.157257714407441.-2207520000.1377193981.&type=3&theater>> Acesso: 22 ago.13.

**O essencial é invisível aos
olhos...**



Imagem disponível em

<<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=648506945218529&set=a.277351542334073.64519.123903924345503&type=1&theater>> Acesso: 30 maio.14.

Esses textos foram retirados de páginas do site de relacionamento Facebook. Neles, a palavra TIPO poderia ser substituída, sem grande prejuízo de sentido, pela preposição exemplificativa *por exemplo* e pela conjunção comparativa *como*, respectivamente. Mas também temos casos como o ilustrado pela tirinha abaixo, em que TIPO serve para marcar uma equivalência de sentido entre o enunciado “Me apaixonei pela garota do tempo” e o enunciado “rolou um clima”. Neste caso, a função/significação do item em foco se aproxima da desempenhada pelo conectivo *ou seja* em nossa língua:



É notável, no senso comum, que os usos inovadores de TIPO, no PB, são mais frequentes na fala dos indivíduos mais jovens do que na dos indivíduos adultos. Devido a isso, tais usos, muitas vezes, são estigmatizados, tachados de “modinha/gírias de adolescentes” por alguns; por outros, são enquadrados na classe dos vícios de linguagem. É fato que novelas, séries e outros programas televisivos, destinados à juventude, têm investido nesses usos na fala do personagem jovem/adolescente, garantindo-lhes, assim, possivelmente maior propagação. Entretanto, o que parece ser um mero vício ou moda jovem, consiste num fenômeno bastante complexo de mudança linguística que tem aparecido constantemente também na modalidade escrita da língua, comumente em gêneros textuais marcados pelo estilo informal, isto é, que se distanciam da norma-padrão, e nos gêneros que retratam diretamente a fala diária, a exemplo da tirinha recentemente exposta.

Na língua inglesa, um fenômeno semelhante ao que envolve TIPO, no PB, ocorre com o item LIKE. Entre as variadas funções que tal forma passou a desempenhar, está a de introdutor de citação, em que marca a introdução de discurso direto, concorrendo com formas como SAY, THINK e GO e aparecendo em uma construção junto com o verbo TO BE: BE LIKE (cf. TAGLIAMONTE; D’ARCY, 2007). Os dois fenômenos são tão semelhantes que TIPO, em suas funções inovadoras/morfossintáticas e discursivas, é encarado, muitas vezes, como uma versão do LIKE no português. Como prova disso temos o fato de que, na tradução de uma obra de ficção norte-americana, o best-seller “A Culpa é das Estrelas” (“The fault in our stars”), de John Green, para nossa língua, foi empregado o TIPO em passagens nas quais LIKE aparece com funções discursivas na versão em inglês. Os personagens principais dessa obra são, por sinal, adolescentes. Os exemplos a seguir, da referida obra, além de mostrar esse fato, exemplificam usos inovadores de TIPO na modalidade escrita da língua. Vejamos os seguintes trechos em português acompanhados da versão na língua inglesa:

(5) Ela tinha ficado ali, esperando que eu, **tipo**, fizesse amigos ou coisa assim. (p. 26)

(5i) *She’d been waiting for me to, **like**, make friends or whatever.* (p. 12)

(6) **Tipo**, eu sei que não faz o menor sentido, mas quando você ouve que tem, por exemplo, vinte por cento de chance de viver cinco anos, e faz as contas e conclui que isso é uma chance em cinco... (p. 13)

(6i) ***Like**, I realize that this is irrational, but when they tell you that you have, say, a 20 percent chance of living five years, the math kicks in and you figure that’s one in five...* (p. 9)

(7) Tudo. De, **tipo**, romances hediondos a ficção pretensiosa, poesia. (p. 29)

(7i) *Everything. From, **like**, hideous romance to pretentious fiction to poetry.* (p. 15)

A semelhança entre os fenômenos nas duas línguas nos leva a crer que tais eventos linguísticos apontam para uma tendência de mudança linguística por

gramaticalização – talvez de ordem universal – e, assim, para a importância de estudá-los contrastivamente.

1. TIPO: ITEM EM GRAMATICALIZAÇÃO

Ao levarmos em conta todos os exemplos apresentados na seção anterior, torna-se evidente que TIPO tem desempenhado novos papéis na língua portuguesa que não podem ser exercidos por um substantivo. Podemos encontrar uma explicação para tal fenômeno na teoria do funcionalismo linguístico norte-americano ou, em sua denominação mais recente, linguística baseada no uso (cf. BYBEE, 2010). Essa teoria é defensora de que a língua é uma entidade flexível, suscetível à mudança e à variação, modelada a partir dos usos que se faz dela pelos indivíduos em situações reais de comunicação. Diversos estudiosos afiliados à essa perspectiva teórica voltam-se à investigação da *gramaticalização*, processo de mudança linguística no qual um item lexical (palavra plena de significado: substantivos ou verbos) ganha função gramatical (palavra com significado funcional: conjunções, preposições, artigos, verbos auxiliares etc.) ou um item já gramatical ganha função mais gramatical ainda. A respeito disso, Tavares (2012) afirma que

para tentar chegar a um mútuo entendimento, os indivíduos envolvidos em uma situação de interação precisam negociar e adaptar formas linguísticas para diferentes funções. Em razão dessas adaptações, é possível que surja uma estratégia linguística inovadora para a realização de uma dada função gramatical. Se tal estratégia passar a ser repetidamente utilizada por vários indivíduos na indicação dessa função, pode acabar se tornando parte da gramática da língua. (2012, p. 5)

TIPO, portanto, tem se gramaticalizado. Os usos de TIPO gramatical são mais recorrentes na modalidade falada da língua: na modalidade escrita, como já mencionamos, aparecem comumente em gêneros textuais marcados pelo estilo informal, isto é, que se distanciam da norma-padrão, e nos gêneros que retratam diretamente a fala diária, a exemplo da tirinha exposta na seção anterior. Pelo fato de serem característicos da oralidade informal, são dificilmente abordados nas aulas de Português do ensino básico, visto que aí são privilegiados para o estudo os usos da língua previstos pela gramática normativa. Dessa forma, tem-se usado frequentemente TIPO gramatical, mas pouco se tem consciência de sua(s) função(ões)/significação(ões), de seu(s) papel(éis) na língua.

O fenômeno em questão tem despertado o interesse de pesquisadores como Lima-Hernandes (2005), que toma TIPO como objeto de estudo ao lado dos itens FEITO, IGUAL e COMO. A autora analisa, sincronicamente e diacronicamente, os usos desses itens, a fim de averiguar os deslizamentos funcionais pelos quais passaram, o que, segundo ela, ajuda a apreender rotas de gramaticalização. Como resultado, é apresentado o percurso de gramaticalização das formas, considerando-se que TIPO tem

origem substantiva, IGUAL tem origem adjetiva, FEITO tem origem verbal e COMO tem origem adverbial. Em sua trajetória de mudança, elas convergiram em determinado ponto, o que resultou em sua concorrência na função gramatical de comparação.

Contudo, o foco de Lima-Hernandes (2005) são as mudanças no estatuto categorial da palavra TIPO, o que faz com que essa forma possa concorrer com outras disponíveis para determinada função num mesmo contexto. No que se refere aos usos inovadores do TIPO, a autora admite que

esse item tem empreendido uma rota de mudança categorial bastante interessante do ponto de vista da gramaticalização. O fato de ser correlacionada, no senso comum, à faixa etária e classe social mais baixa, não é garantia de que esses usos estejam de fato restringidos a esses grupos. Refiro-me a casos, como, por exemplo, o da palavra *tipo* na função discursiva de marcador. Embora a alta recorrência de usos seja associada a falantes adolescentes, indivíduos de outras faixas etárias também a empregam. Em contrapartida, há empregos inovadores de *tipo* que aparecem, de modo insuspeito, em textos mais formais, como artigos científicos e teses. (2005, p. 14).

Na análise sincrônica, utilizando entrevistas sociolinguísticas com indivíduos da comunidade de fala do Rio de Janeiro, produzidas para os projetos NURC e PEUL, Lima-Hernandes (2005) identifica os usos de TIPO e, a partir dos dados colhidos, apresenta uma distribuição hierárquica escalar dos padrões funcionais desse item, que leva em conta o princípio da *unidirecionalidade*.¹ A escala é a seguinte: Tipo 1 – *substantivo referenciador*; Tipo 2 – *substantivo classificador*; Tipo 3 – *preposição exemplificativa*; Tipo 4 – *conjunção comparativa*; Tipo 5 – *delimitador aproximativo* (discursivo); Tipo 6 – *marcador* (discursivo).

Outra pesquisadora que estuda esse fenômeno linguístico é Rodrigues (2009). Em sua pesquisa, TIPO, ao lado de IGUAL e FEITO, é apresentado, a exemplo do que faz Lima-Hernandes (2005), como uma das formas disponíveis na língua para introduzir orações comparativas. Rodrigues (2009) defende o *status* de conector do TIPO quando em exercício dessa função gramatical, observando que, quando introduz comparação, ele pode ser substituído pela conjunção prototípica *como*. Ademais, seu *status* de conector é testificado, por exemplo, pela posição em que o item aparece nas orações, que é, na maioria das vezes, posposto à oração principal. De acordo com a autora,

¹ A gramaticalização é caracterizada como unidirecional quanto à trajetória dos desenvolvimentos sofridos pelas formas envolvidas, podendo ser definida como um processo de mudança linear e irreversível que tende a gerar significados e funções num grau crescente de abstração: as formas passam da expressão de significados mais específicos e menos gramaticais para a expressão de significados mais gerais e mais gramaticais. A proposição é que existe uma relação entre dois estágios A e B da trajetória de gramaticalização tal que A ocorre antes de B, mas nunca o contrário. Isso significa que usos lexicais dão origem a usos gramaticais, e não vice-versa; igualmente, significados mais concretos derivam significados mais abstratos, e não vice-versa (cf. HOPPER; TRAUGOTT, 1993, p. 207).

tomando-se por base a perspectiva funcionalista, pode-se entender melhor os usos de *feito*, *igual* e *tipo* como conectores comparativos, pois, segundo essa perspectiva, tais usos são vistos como um meio de ‘suprir’ determinadas necessidades dentro da estrutura da língua, como, por exemplo, uma maior variedade de conectores para expressar relação entre itens ou cláusulas em diferentes contextos comunicativos. (2009, p. 7).

Vale destacar que o fato de o TIPO ocorrer em funções variadas, implicando empregos em diversas categorias, tanto nos limites do léxico quanto da gramática, é normal entre itens em gramaticalização. Também é importante ressaltar que mudança e variação são indissociáveis, tendo em vista que os novos usos e funções que surgem, via processo de gramaticalização, passam a conviver com usos e funções já existentes, estabelecendo, assim, concorrência – variação – entre formas num mesmo domínio funcional. Givón (2002) afirma que

pressões adaptativas que dão forma à estrutura sincrônica (‘idealizada’) da língua são exercidas durante a performance on-line. É aí que a língua emerge e muda. É aí que as formas se ajustam constantemente a novas funções e significados estendidos. É aí que a variação e a indeterminação são componentes indispensáveis dos mecanismos que modelam e remodelam a ‘competência’. (2002, p. 5).

E nas palavras de Weinreich, Labov e Herzog (2006[1968], p. 126): “Nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implica mudança; mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade”. Diante disso, levamos a cabo, neste trabalho, o levantamento de possíveis variantes, isto é, formas concorrentes com o objeto estudado, o TIPO, nas diversas funções em que ele ocorre, o que pode contribuir para estudos futuros que imprimam um foco maior nos processos de variação desses itens linguísticos.

2. TIPO, NO PORTUGUÊS, e LIKE, NO INGLÊS, O QUE OS ASSEMELHA?

Na introdução deste texto, mencionamos a semelhança entre certos empregos da forma TIPO, no PB, e da forma LIKE, no inglês. Nesta seção, objetivamos, em uma perspectiva comparativa, apresentar brevemente algumas características que nos permitem compará-los, baseando-nos em resultados de trabalhos realizados anteriormente, a respeito de cada um dos dois elementos, bem como em nossa própria observação a partir dos dados de que dispomos. É claro que para se fazer uma análise mais substancial é necessário uma observação mais apurada baseada em amostras mais amplas de dados das duas línguas.

D’Arcy (2008) investigou o LIKE com enfoque em suas funções discursivas, distinguindo as categorias *marcador discursivo* e *partícula discursiva*, nas quais o item em foco pode aparecer. Em consonância com a autora, o que diferencia *marcador*

discursivo de *partícula discursiva* é, basicamente, a ordem sintagmática em que ocorrem nas sentenças. A partícula discursiva aparece em posições internas de orações, enquanto o marcador discursivo aparece em posição inicial. Ou seja, o marcador lança escopo sobre unidades maiores (orações subordinadas ou principais), ocupando, muitas vezes, o “lugar” que as conjunções ocupam ou ocorrendo imediatamente após uma conjunção; já a partícula lança escopo sobre unidades menores (sintagma nominal, adjetivo, verbo...). Porém, uma característica comum a todos os usos do LIKE é que esse item sempre aparece na periferia esquerda das unidades com as quais se relaciona.

No inglês, o LIKE, seja como marcador ou partícula discursiva, é, muitas vezes, apontado, de um ponto de vista sintático, como um elemento inovador onipresente, usado aleatoriamente, sendo, assim, difícil de sistematizar. Além disso, pode parecer estar sendo empregado sem nenhum sentido, como se fosse apenas para preencher um espaço vazio na fala. No entanto, segundo a pesquisadora supracitada, o uso do LIKE discursivo não é uma inovação recente, mas data desde a primeira metade do século XIX, colocando por terra a ideia de que se trata de uma “moda linguística” criada pelos jovens. D’Arcy (2008) sintetiza resultados que obteve em uma pesquisa de natureza quanti-qualitativa, em tempo aparente, na qual analisou os diferentes usos discursivos do LIKE, considerando dados produzidos, em entrevistas sociolinguísticas, por falantes do inglês de Toronto, Canadá, de diferentes faixas etárias, que vão de 10 a mais de 80 anos. Com base nesses dados, a autora busca desvelar o caráter sistemático do emprego do elemento em questão.

A metodologia adotada no trabalho aqui relatado possibilitou identificar os usos discursivos mais antigos do LIKE, presentes na fala dos indivíduos de todos os grupos etários, e os usos mais inovadores, presentes na fala dos grupos mais jovens. D’Arcy (2008) notou que, na fala das pessoas com 80 anos ou menos, o LIKE aparece, como marcador discursivo, encabeçando orações principais (por exemplo: *Like it’s not that bad, but like I’m in a professional school.* (N/f/26)),² mas ocorrências em que o item encabeça orações subordinadas (por exemplo: *He couldn’t believe [that like he’s held all this animosity]... (I/m/22)*)² foram encontradas apenas entre os falantes de 60 anos ou menos. Daí a autora concluiu que os usos discursivos mais antigos da forma são aqueles nos quais ela encabeça orações matrizes.

Por sua vez, os usos discursivos mais recentes do LIKE são, em conformidade com D’Arcy (2008), aqueles em que a forma assume o papel de partícula discursiva, isto é, em posição interna de orações (por exemplo: *And they had like scraped her.* (I/m/35)), e que só aparecem entre os falantes de 50 anos ou menos.

Existe um outro emprego do LIKE, que também pode ser categorizado como discursivo, em que o elemento vem acompanhado do verbo TO BE (compondo, assim, a construção BE LIKE) e atua como introdutor de discurso direto ou diálogo interno (por exemplo: *They’re like, “Who is that person?”* (N/f/32)), papel em que concorre com formas a exemplo de SAY, THINK e GO. Tagliamonte e D’Arcy (2007) realizaram um

² Os exemplos em inglês apresentados nesta seção foram retirados de D’Arcy (2008) e Tagliamonte e D’Arcy (2007).

estudo sobre esse fenômeno, também considerando falantes de diferentes idades, de 9 a mais de 80 anos. As autoras verificaram a existência de ocorrências na fala de indivíduos de até 40 anos, com um aumento da taxa de frequência entre os falantes de 15 a 30 anos e um aumento ainda maior no grupo etário de 17 a 19 anos, o que indica que tal fenômeno linguístico não se trata de uma moda jovem (já que há várias ocorrências entre indivíduos da faixa de 30 a 40 anos), embora seja a juventude quem está fazendo o processo de mudança avançar.

No que se refere aos empregos do TIPO, no PB, podemos dizer que, na maior parte dos contextos de uso, ele apresenta comportamento semelhante ao do LIKE ao menos no que se refere à posição sintática, tanto é que poderíamos nos valer da mesma distribuição utilizada por D'Arcy (2008). Com base nos dados de que dispomos, o TIPO, assim como o LIKE, ocorre sempre na margem esquerda das unidades linguísticas com as quais se relaciona; pode encabeçar orações matrizes ou aparecer no início de orações subordinadas; além disso, pode ocorrer em posições internas de orações, relacionando-se com unidades menores. Vejamos alguns dados, retirados do nosso *corpus*, exemplificadores dos contextos em que o TIPO se enquadra nessa distribuição:

1. Encabeçando orações matrizes:

- (a) *Tipo*, não era pra ter tido a Segunda Guerra. *Tipo*, não precisava fazer tudo isso... só por território mesmo.
- (b) *Tipo*, no começo, assim, todo mundo leu, mas não dava pra entender...

2. No início de orações subordinadas:

- (a) Ela chegou explicou que *tipo* não tinha muita coisa pra fazer, mas ia inventar na hora...
- (b) Sim. Ele morreu foi por causa de *tipo* ele tomava muito álcool tal, bebidas alcoólicas, aí ele chegou a falecer mesmo.

3. Em posição interna de orações:

- (a) Minha avó, parte de mãe, também já contou alguma história de lobisomem, do interior, *tipo* essas histórias assim...
- (b) Isso... Tipo, de dar injeção e morrer antes do tempo, *tipo* um suicídio mesmo, não era pra deixar mesmo acontecer isso não.

Em relação à funcionalidade, o TIPO também apresenta semelhanças com o LIKE, ao ponto de, como já foi mencionado anteriormente, poder ser utilizado, em muitos contextos, como uma tradução/versão deste para o português. No entanto, não encontramos até o momento, em nosso *corpus*, ocorrências com o TIPO introduzindo discurso direto ou diálogo interno. Contudo, não nos parece estranho que alguém diga: “João falou *tipo* ‘Você não era pra ter comprado isso’”.

Na seção seguinte, fazemos uma análise, numa perspectiva discursivo-pragmática, das funções/significações que TIPO tem desempenhado em nossa língua, identificando possíveis variantes para cada função.

3. FUNÇÕES MORFOSSINTÁTICAS E DISCURSIVAS DE *TIPO*

Ao transcrevermos as partes da entrevista sociolinguística em que apareceram o item em análise, realizada com um informante adolescente da cidade de Natal/RN, obtivemos um total de 114 dados, sendo 74 com uma função que resolvemos chamar de *marcador de ênfase*, 32 com função de *exemplificador*, 3 com função de *comparativo*, 1 com função de *sequenciador*, 2 com função de *explicativo* e, por último, 2 com imprecisão de função no contexto. Abaixo, exemplificamos cada uma dessas funções com os dados coletados. Porém, em referência às funções de *marcador de ênfase* e de *exemplificador*, devido à enorme quantidade de dados, apresentamos apenas alguns. Vejamos:

TIPO *marcador de ênfase*

Nesta função, consideramos que o TIPO pode introduzir opiniões, detalhamentos ou reforço sobre o que se fala, concorrendo, em muitos casos, com o item *assim* ou até mesmo com marcadores como *veja/veja bem*, que servem para chamar a atenção do leitor para o que se vai dizer (opinião, explicação...), ou seja, para trazer realce.

- (1) Só se fosse, **tipo**, crime cruéis mesmo, assim.
- (2) Existe essa lei, mas **tipo** não adianta de nada, ainda continua do mesmo jeito que era antes. Mesmo com lei ou não.
- (3) **Tipo**, não era pra ter tido a Segunda Guerra. **Tipo**, não precisava fazer tudo isso... só por território mesmo.
- (4) Tem que planejar tudo... até agora, novo prefeito... vai ter que fazer alguma coisa, porque a antiga prefeita assim não fez pra, **tipo**, melhoras pra Natal mesmo.
- (5) Não. Pretendo fazer. Nunca fiz não, mas eu acho legal, **tipo**, estudar outra língua, assim.

TIPO *exemplificador*

Nesta função, o TIPO serve para introduzir exemplificação, podendo ser trocado sem prejuízo semântico, pela locução prepositiva *por exemplo*.

- (6) Antes... Eu acho que antes ainda era pior que hoje, que, **tipo**, não podia andar casais gays nas ruas que eles apanhavam, negros também era discriminados, tudo isso.
- (7) Eu já joguei, mas faz tempo, eu não me lembro, **tipo**, como é que faz as regras... Mas, eu já joguei já.

(8) Sobre assassinato também, suspense. **Tipo**, uma pessoa andando num parque ou numa floresta... escura... aí chega um assassino e faz o homicídio.

(9) Alguns... Sei lá- no geral acho que não... todos, **tipo**, se tiver num engarrafamento, ninguém quer esperar, quer passar a frente do outro...

(10) Muitos benefícios, empregos para muitas pessoas, **tipo**, estudar línguas também tal, até pra se comunicar com outras pessoas de outros países que vão vir pra cá.

(11) Eu já joguei, mas faz tempo, eu não me lembro, **tipo**, como é que faz as regras... Mas, eu já joguei já.

TIPO comparativo:

Nesta função, o TIPO introduz comparação, concorrendo, então, com formas como *igual, feito e como*.

(12) É, tipo... **Tipo** a guerra no Iraque. Alguns cara vão pra lá, são dois exércitos americanos, eles têm que ajudar esse povo, e nesse lugar onde eles estão está tendo muitas guerras civis tal... E bombas... Alguns do grupo morre também. Poucos sobrevivem

(13) Naruto... **Tipo** uma história- **Tipo** quase mangás japoneses como- normal... Aqueles... Alguns caras que lutam... aí tipo faz parte de tribos...

(14) Eu acho que não, tipo, mesmo se tiver perto de chegar assim a falecer, mas, tipo, num tivesse esse, tipo de- quase um suicídio assim... Isso... Tipo, de dar injeção e morrer antes do tempo, **tipo** um suicídio mesmo, não era pra deixar mesmo acontecer isso não.

TIPO sequenciador:

Nesta função, o TIPO aparece sequenciando orações, podendo ser substituído por conectores sequenciadores como *e, aí e então*.

(15) Tipo, que na sociedade ele ainda sofre muito, tipo, pra pegar ônibus, pra se locomover pra algum lugar assim... ir pra algum canto... Tipo, se não tiver família mesmo que ajude, ninguém vai ajudar eles, **tipo**, se ninguém ajudar eles vão morrer lá e ninguém ajuda eles. Tipo ônibus, tipo tem alguém na parada, algum deficiente, aí tem ônibus que não para pra ele e tal, e quando para ninguém quer ajudar a ele entrar no ônibus...

TIPO explicativo:

Nesta função, o TIPO introduz uma explicação, podendo, dessa forma, ser substituído por construções como *ou seja*.

(16) Foi legal. Ela fez algum negócio para unir, **tipo**, para resolver alguns defeito seus, problemas que você tem...

(17) São muito... Ultrapassadas. Porque, tipo, no mundo de agora quase não existe racismo, preconceito, discriminação, **tipo**, todo mundo... direitos iguais tal...

Temos, ainda, dois dados de função imprecisa, de difícil definição. Vejamos:

Dado impreciso 1

Em relação a esse dado, ficamos indecisos quanto à classificação da função do TIPO, visto que nos parece introduzir uma explicação ao mesmo tempo em que resume o que está se tentando dizer, sendo possível substituí-lo tanto por *enfim* como por *ou seja*.

(18) Diminuindo a violência... doméstica e... só isso mesmo, violência doméstica e violência na rua assim, *tipo*, deixar mais de violência e querer mais a paz.

Dado impreciso 2

Já quanto a esse dado, o TIPO nos parece ao mesmo tempo *exemplificador* e *comparativo*.

(19) Não morasse em Natal... Um lugar pra morar assim, *tipo*, sei lá, São Paulo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo que pudemos perceber em nossa análise, ainda em fase bastante preliminar, o TIPO tem exercido uma gama de funções gramaticais – de caráter morfossintático e discursivo-pragmático – no português brasileiro, de forma a atender às necessidades comunicativas dos indivíduos; por conseguinte, fenômenos de variação têm emergido, como decorrência do processo de mudança linguística pelo qual o item em foco tem passado, a gramaticalização: seus novos usos encontram a concorrência de outras formas de mesma função.

Além disso, pudemos observar que esse fenômeno se constitui em uma tendência linguística, já que ocorre semelhantemente em uma outra língua, o inglês, em que o item LIKE, também como resultado do processo de gramaticalização, tem, ao longo do tempo, adquirido funções variadas (algumas das quais similares às do TIPO em português) e passado a concorrer com outras formas que desempenham as mesmas funções.

Sendo assim, é importante que haja mais pesquisas sobre o fenômeno aqui analisado, a fim de que se descreva a língua portuguesa falada no Brasil com mais propriedade, bem como que se apliquem, nas aulas de língua materna do nível básico, conhecimentos acerca desse fenômeno, que tem estado tão presente na fala e, às vezes, na escrita dos brasileiros, principalmente dos jovens e adolescentes. As diretrizes para o ensino de português no Brasil alertam sobre a relevância de se desenvolver um ensino de língua reflexivo que contemple tanto a modalidade escrita quanto a falada para que os falantes tenham consciência da natureza de sua língua e dos usos que fazem dela nas diversas situações de comunicação, para que se tenha um ensino de língua mais eficaz. Diversos usos do TIPO, sejam falados ou escritos, podem ser abordados, em sala de aula, nessa perspectiva.

REFERÊNCIAS

- BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- D'ARCY, A. Canadian English as a window to the rise of LIKE in discourse. In: MEYER, M. (Ed.). *Focus on Canadian English. Heidelberg: Winter. Especial issue of Anglistik* (International Journal of English Studies), v. 19, n. 2, p.125-140. 2008. (versão de prova)
- GIVÓN, T. *Bio-linguistics: the Santa Barbara lectures*. Amsterdam: John Benjamins, 2002.
- HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- GREEN, J. *A culpa é das estrelas*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.
- _____. *The fault in our stars*. Versão digital. Disponível em <http://www.quia.com/files/quia/users/stvarraso/The-Fault-In-Our-Stars/TFIOS_JG_English.pdf> Acesso: 16 jun. 14.
- LIMA-HERNANDES, M. C. *A interface sociolinguística/gramaticalização: estratificação de usos de tipo, feito, igual e como*. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP, 2005.
- RODRIGUES, V. V. Orações que manifestam a relação de comparação: o(s) uso(s) de *feito, tipo e igual*. *Anais do SILEL*. Uberlândia: EDUFU, 2009.
- TAGLIAMONTE, S. A. *So who? Like how? Just what?* Discourse markers in the conversations of young Canadians. *Journal of Pragmatics*, v. 37, p. 1896-1915. 2005.
- _____; D'ARCY, A. Frequency and variation in the community grammar: tracking a new change through the generations. *Language Variation and Change*, v. 19, p. 199-217. 2007.
- TAVARES, M. A. *A gramaticalização dos verbos IR, CHEGAR e PEGAR como actualizadores globais*. 2012. Impresso.
- _____; MARTINS, M. A. Banco de dados FALA-Natal: uma agenda de trabalho. In: FREITAG, R. M. K. (Org.). *Metodologia de coleta e manipulação de dados em sociolinguística*. Sergipe: Edgard Blücher, 2014. p. 69-76.
- WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad. de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006[1968].